

“BALAS DE ESTALO” DE MACHADO DE ASSIS: HUMOR E POLÍTICA NO SEGUNDO REINADO

Ana Flávia Cernic Ramos¹

- **RESUMO:** Este artigo analisa a participação de Machado de Assis, sob o pseudônimo Lélío, na série coletiva “Balas de Estalo”, publicada na *Gazeta de Notícias* entre os anos de 1883 e 1886. Inserida no contexto de mudanças urbanas, da imigração, do abolicionismo, *Balas de Estalo* ajudou na criação de um projeto político baseado no declínio das principais instituições do país, tais como a monarquia, a igreja e a escravidão. O tema dessa pesquisa é compreender de que maneira Machado de Assis participou dessa série, como ele criou sua personagem Lélío e, finalmente, como ele analisou a política imperial no final do século XIX.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Império. Imprensa. Literatos. Crônica. História. Política.

“O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento”, afirmava Machado de Assis (2004, p.943) nas páginas do *Correio Mercantil* em 1859. Em artigo intitulado “O Jornal e o Livro”, o autor declarava ser este meio de informação a “locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos”, a “literatura comum”, “universal”, “altamente democrática” e que, “reproduzida todos os dias”, levava a “frescura das idéias” e o “fogo das convicções”. Para Machado (2004, p.945), o jornal surgia trazendo em si o “gérmen de uma revolução”, pois trazia consigo o espaço para o debate, para a discussão e, com isso, a “emancipação dos povos”. Para ele, o jornal era a “reprodução diária do espírito do povo”, o “espelho comum de todos os fatos e de todos os talentos”, o sintoma de “movimento” da sociedade (ASSIS, 2004, p.945). E foi ainda com este espírito que o autor comemorou, no dia 6 de agosto de 1893, o aniversário de um dos maiores jornais do Rio de Janeiro em finais do século XIX. Colaborador da *Gazeta de Notícias* desde os idos anos de 1880², Machado festejava os dezoito anos do jornal fundado por Ferreira de Araújo,

¹ Mestre pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História. Campinas – SP – Brasil. 13081-970 – afcramos@uol.com.br

² Machado de Assis, já em 1877, havia subscrito algumas poesias na *Gazeta de Notícias*, homenageando José de Alencar e Camões, mas só vai figurar na relação de colaboradores efetivos deste jornal entre os anos de

Henrique Chaves, Manoel Carneiro e Elísio Mendes reconhecendo a importante contribuição do periódico para a transformação da capital do império e da imprensa brasileira. Publicada pela primeira vez na Corte no dia 2 de agosto de 1875, a *Gazeta* inaugurou uma forma barata e popular de fazer jornais e, com ela, a imprensa ganharia, aos poucos, ares de grande empreendimento comercial, tornando-se verdadeiramente acessível a um número cada vez maior de leitores. Vendida a 40 réis³, a *Gazeta de Notícias* inaugurava o sistema de vendas avulsas pela cidade⁴ e se diferenciava da maioria das publicações existentes no período ao espalhar pelas ruas da cidade meninos que berravam a “[...] notícia, o anúncio, a pilhéria, a crítica, a vida, em suma, tudo por dois vinténs escassos.” (ASSIS, 1996, p.278)⁵.

A *Gazeta de Notícias* foi personagem importante na mudança das feições da imprensa no Brasil. Surgida em 1875, ela incorporava as diversas transformações ocorridas naquele final de século. Mudanças não só políticas e sociais vividas a partir da década de 1870, como também urbanas e industriais que forneceram o substrato para o surgimento de um jornal de grande publicação como a *Gazeta*. É a partir deste momento que se criam algumas condições indispensáveis para que a imprensa carioca fosse, cada vez mais, constituída como grande e lucrativo empreendimento comercial. A significativa expansão das atividades ligadas ao setor de transportes e serviços, um considerável crescimento da população – composta pelo afluxo de libertos e imigrantes –, assim como a instalação do serviço telegráfico (em 1874), o desenvolvimento dos serviços de correios e, principalmente, a construção de uma malha rodoviária que atingia lugares cada vez mais longínquos (BARBOSA, 2000), constituíam-se em condições ideais para o surgimento dessa imprensa mais dinâmica e empresarial.

O Rio de Janeiro tornava-se, então, o grande centro dessa forma de fazer jornal, e com a criação da *Gazeta*, Ferreira de Araújo, que já era conhecido na Corte por sua colaboração em jornais humorísticos como *O Mosquito*, tornou-se figura importante na cidade ao criar um jornal que, em pouquíssimo tempo, fez-se popular na cidade. A conquista de um grande público leitor, por exemplo, é conseguido ainda em 1880, quando este jornal dobra a sua tiragem, passando de 12 mil para 24 mil exemplares.

1881 e 1897, produzindo um total de mais de 500 crônicas. Nos anos seguintes, colaborou esporadicamente em 1899, 1900, 1902 e 1904 (SOUSA, 1955).

³ A *Gazeta de Notícias*, em 1881, era vendida a 40 réis – preço que passou a ser adotado também pelos outros grandes jornais que surgiam no período, como *O País* e o *Diário de Notícias*. Sua tiragem neste período era de 24 mil exemplares, já maior que a d’*O País*, que em 1885 ainda era de 15 mil (PEREIRA, 2004).

⁴ Como anunciado no prospecto da *Gazeta de Notícias*, publicado em 1875, o jornal passaria a ser vendido nos principais quiosques, estações de bondes, barcas e em todas as estações da Estrada de Ferro D. Pedro II.

⁵ Foi assim que Machado se referiu à *Gazeta* em artigo comemorativo do aniversário de vinte anos do jornal.

Tornar-se popular passava a ser, então, um dos principais objetivos daquele jornal e, para tanto, Ferreira de Araújo propõe um novo formato para as colunas e artigos da *Gazeta*, fazendo-os mais alegres, leves e acessíveis ao leitor⁶. O humor e a irreverência fizeram-se presentes em muitas das colunas e artigos que compuseram este jornal e “Balas de Estalo” evidencia tais características. Ferreira de Araújo, “[...] fazia questão de seções amenas e divertidas.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p.5). Além disso, defendendo o ideal de modernidade, a *Gazeta* ficou conhecida pelo seu constante incentivo à literatura, sua preferência por textos cada vez mais simples e ligeiros, “[...] incentivando uma constante e significativa popularização do trabalho literário, fazendo da presença dos homens de letras uma das principais atrações do seu jornal” (PEREIRA, 2004, p.14).

Assim, como decorrência desta transformação dos periódicos em grandes empresas comerciais, interessadas cada vez mais em alcançar uma grande aceitação por parte do público leitor e, principalmente de se tornarem porta-vozes de uma “modernidade” no modo de confeccionar suas notícias, colunas e artigos, ocorre, então, uma “valorização do caráter imparcial do periódico”, o que leva à criação de colunas fixas para informação e para opinião (BARBOSA, 2000, p.24). Passam a ser valorizadas notícias do cotidiano da população, colunas de humor, notícias policiais, assuntos que se tornaram presença constante nessas grandes folhas. O desejo pelo comentário rápido, leve e engraçado sobre os assuntos do cotidiano da cidade tornou-se muito popular. Independente da forma – crônica, teatro ou qualquer outro gênero -, esse tipo de comentário parecia atrair cada vez mais o grande público, heterogêneo e ávido por uma compreensão rápida e simplificada das transformações que ocorriam a sua volta.

Foi neste contexto que, em 02 de julho de 1883, Machado de Assis, sob o pseudônimo Lélío, entrou para uma das séries cronísticas mais bem sucedidas do jornalismo no século XIX. Sob o título de “Balas de Estalo”, mais de uma dezena de pseudônimos revezaram-se diariamente na publicação de crônicas nas páginas *Gazeta de Notícias*. Publicada entre os anos de 1883 e 1886, esta série acompanhou de perto não só as transformações do próprio jornalismo, como as muitas discussões políticas ocorridas na década de 1880. Contando com a participação de prestigiados jornalistas e literatos, tais como Ferreira de Araújo, Valentim Magalhães, Henrique Chaves, Capistrano de Abreu e o próprio Machado de Assis, ela destacou-se por vivenciar e relatar as tensões sociais ocorridas na década de 1880. Através de “balas

⁶ Em carta de admissão enviada a Mariano Pinna – futuro correspondente da *Gazeta* na França – Henrique Chaves, também fundador deste jornal, evidencia esse desejo da *Gazeta de Notícias* de assumir a postura de um jornal popular: “Não deves perder de vista que a *Gazeta* é uma folha popular. Não deves, pois, ter preocupações de escola na maneira de escrever. Escreve de modo que possas agradar ao maior número.” (MINÉ, 1992, p.23-61).

de artilharia”, ou mesmo de “doços guloseimas” recheadas de leveza e pilhéria, os narradores da série aproveitaram para “estalar balas” “com os homens e com as instituições”⁷ que os regiam.

Entre os anos de 1883 e 1886, “Balas” comentou sistematicamente os fatos mais pilhéricos e absurdos ocorridos na Corte, tivessem eles se passado no palácio imperial, na Câmara dos Deputados ou nas ruas da cidade. Publicada em um momento importante da história do Segundo Reinado, ela acompanhou a fundação da Confederação Abolicionista, a publicação do livro *O Abolicionismo* de Joaquim Nabuco, a extinção da escravidão no Ceará em 1884 e, posteriormente, no Amazonas. Nesse momento, a escravidão e o sistema monárquicos viam-se questionados e ameaçados, a lei dos sexagenários, de 1885, intensificava a discussão acerca da questão servil e assustava os proprietários⁸. Os republicanos, por sua vez, avançavam cada vez mais, assim como os debates acerca do poder pessoal do imperador e dos significados da monarquia para o Brasil⁹.

Criada para atender as necessidades de Ferreira de Araújo de um jornal mais “moderno” e popular, “Balas” assume um formato coletivo, privilegiando o convívio de opiniões diversas em um mesmo espaço. Lulu Sênior, Zig-Zag, Décio, Publicola, João Tesourinha, Blick, Mercurio, Confúcio, Ly, Carolus e Lélío¹⁰ formavam um grupo que, além de se revezar na publicação das crônicas, debatiam entre si os acontecimentos do dia. E, em um grupo tão grande de cronistas, a política e o humor davam unidade à série, e faziam da coluna mais do que um espaço para artigos soltos, mas sim uma seqüência de falas e temas que giravam em torno, principalmente, da vida política do império.

Elementos unificadores da série, o humor e a política fizeram-se presentes na escolha de alguns pseudônimos, dos temas e do próprio título da série. A idéia de “Balas de Estalo” como “pérolas” ou “absurdos” da política, fatos que continham

⁷ José do Egito, “Balas de Estalo”, *Gazeta de Notícias*, 18/07/1883. (Consulta ao Jornal, cujo microfilme se encontra no Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp).

⁸ Ao analisar os debates parlamentares sobre a aprovação da Lei dos Sexagenários, Joseli Mendonça (1999) nos mostra o quanto esta questão mobilizou a imprensa e os debates públicos acerca da escravidão no Brasil. Pressionados por mais uma lei antiescravista, senhores de escravos, deputados, senadores e intelectuais promoveram debates acirrados nos jornais cariocas.

⁹ Garantido pela Constituição Imperial de 1824, o uso do poder Moderador por D. Pedro II passou a sofrer sérias críticas a partir do ano de 1868. A imagem da monarquia como instituição retrógrada e autoritária passa a ser freqüentemente ressaltada e construída pela elite política e letrada do Segundo Reinado (SCHWARCZ, 1998).

¹⁰ Inicialmente a série contava com a participação dos seguintes pseudônimos: Lulu Sênior (Ferreira de Araújo), Zig-Zag e João Tesourinha (ambos assinados por Henrique Chaves), Décio e Publicola (assinados por Demerval da Fonseca), Lélío (Machado de Assis), Mercurio e Blick (assinados por Capistrano de Abreu) e José do Egito (Valentim Magalhães). Posteriormente, ingressaram Confúcio, LY e Carolus, todos ainda sem identificação.

em si humor e até mesmo indignação, foi utilizada diversas vezes pelos cronistas. As “Balas” da *Gazeta* comentavam as “pérolas” produzidas por deputados, vereadores, ministros, chefes de polícia e até mesmo pelo imperador. Através de textos brincalhões, cada um dos narradores colaborava na construção de um projeto político bastante definido: a falência das principais instituições do país, que eram denunciadas como forma de proselitismo de um novo projeto político, republicano e liberal. A modernidade era dissociada da monarquia católica e escravagista, a separação entre igreja e estado era pressuposto da então chamada modernidade. Na série, os literatos valiam-se do velho “*ridendo castigat mores*” para propor as inovações desejadas.

Machado de Assis e a criação de Lélío

O uso de pseudônimos, por sua vez, estabelecia o jogo ficcional entre os narradores. Muitas vezes, o mesmo literato colaborava com dois ou mesmo três narradores diferentes, tanto em personalidade quanto em temas, o que colaborava com o projeto de construção de uma série coletiva e com objetivos comuns. Quando estreou, em abril de 1883, “Balas de Estalo” contava com a modesta participação de cinco narradores: Lulu Sênior, Zig-Zag, Mercurio, Décio e Publicola. Meses depois, após confirmar o sucesso de seu formato junto ao público, “Balas”, que já tinha espaço entrelinhado no jornal, aumentava seu número de colaboradores para dez. Entravam para a série José do Egito, Lélío, Blick, João Tesourinha e Confúcio. Em 1884 ingressavam ainda Ly e João Bigode, em 1885, Anastácio e, por fim, em 1886, Carolus, João Minhoca e Farina. Em animadas competições e polêmicas, os narradores da série iam, ao poucos, se desenhando para o leitor, evidenciando características e opiniões que os individualizavam, colaborando assim na construção de um grupo bastante heterogêneo e dinâmico. Nas falas de cada um dos integrantes, podemos identificar essas diferenças, bem como podemos observar o compromisso que todos eles mantêm com uma unidade da série, reconhecendo-se, o tempo todo, como integrantes de uma coletividade.

Diferente de outros colaboradores Balas de Estalo, Machado de Assis manteve, ao que tudo indica, um único pseudônimo, Lélío. Ao todo, foram 125 crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias* sob essa assinatura, que inaugura sua participação em 2 de julho de 1883, exatamente dez dias depois de uma crônica publicada por *Lulu Sênior*, pseudônimo usado por Ferreira de Araújo, sobre um discurso do presidente do conselho de ministros, Lafayette Rodrigues Pereira, na Câmara dos Deputados, no qual ele citava *O Tartufo*, de Molière. Machado, que a certa altura da

série, se apresenta como Lélío *dos Anzóis Carapuça*¹¹, cria sua personagem ainda sob os efeitos desta citação de Lafayette no Parlamento. A referência literária, tomada do acontecimento político, dava a tônica das “Balas” da *Gazeta*, e o cronista, que ingressava em uma série com discussões que giravam em torno da vida política, das ações das Assembléias, das trocas de ministros e da forma como Dom Pedro II conduzia as relações do executivo com o Parlamento e a própria ação governamental naqueles anos finais do império, parecia querer se adaptar a esta temática. Para uma série com tais características, a escolha de uma personagem de Molière – autor tão presente nas discussões parlamentares naquele momento – talvez tenha parecido bastante coerente para Machado de Assis que, ao longo da série, esforçou-se por criar um pseudônimo previamente elaborado para o estilo e a temática de “Balas de Estalo”.

Entretanto, além do discurso de Lafayette e do esforço do cronista de se adaptar a uma nova série, começada meses antes de sua entrada, há que se levar em conta também a recorrência de Molière na obra cronística de Machado de Assis. Lúcia Granja (2000), ao estudar as crônicas deste autor publicadas no *Diário do Rio de Janeiro*, na década de 1860, menciona a forma como Molière teria auxiliado Machado de Assis em muitas de suas ironias em relação aos políticos. Defendendo a idéia de que crônica é uma espécie de “jornalismo híbrido, onde ficção e história disputam o mesmo espaço textual” (GRANJA, 2000, p.78), a autora observa a frequência com que foram usados personagens de teatro nestes pequenos textos de jornal. “A presença das personagens de teatro – notadamente as comédias -, servindo de exemplo para as atitudes deslocadas das personagens da vida pública brasileira, ilustrava a própria estrutura do texto que as reutilizava em um registro satírico” (GRANJA, 2000, p.79). O narrador, ao observar os eventos da semana, colecionava as “atitudes exageradas (deslocadas) dos homens que representam a vida pública”, fazendo da crônica um texto no qual se desenvolvia um “teatro imaginário” (GRANJA, 2000, p.79).

Quem primeiro identificou Lélío como uma possível referência ao personagem de Molière foi o crítico literário Magalhães Júnior. Para o autor, “[...] sob o disfarce do pseudônimo, recolhido nas comédias de Molière, - Lélío, que é filho de Pandolfé e namorado de Célia em *L' Etourdi*, - Machado versou sobre temas da atualidade política e social, sobre assuntos graves e assuntos frívolos, em tom sempre faceto e vivaz.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1958, p.4)¹². Essa escolha, no contexto do discurso do

¹¹ Lélío declara seu sobrenome na crônica de 17 de janeiro de 1885, na qual a personagem escreve seu testamento. Segundo Daniela Mantarro Callipo (1998, p.10), este sobrenome cômico e popular já havia sido usado em 1862 pelo pseudônimo “Dr. Semana” na *Semana Ilustrada*, coincidentemente outra personagem de uma série coletiva de crônicas.

¹² É preciso lembrar, entretanto, que na opinião de outros estudiosos, como Daniela Mantarro Callipo (1998), a referência a esta personagem pode não ser tão evidente. Para a autora, é preciso considerar a

ministro Lafayette e na preocupação da série com a vida política do período, tornam a referência de Magalhães Jr. bastante plausível. Lélío, de *O Estouvado*, teria ajudado a construir uma personagem com características bem definidas, com preocupações com o estilo leve e engraçado que se configurou na série e, principalmente, com um reconhecimento mais facilitado para o público leitor, que acompanhava as ironias diárias sobre o discurso “ilustrado” do ministro na Câmara de Deputados.

Lélío¹³, personagem de Molière, é apaixonado pela bela escrava Célia, mas tem seus planos de casamento ameaçados por seu rival Leandro. Diante desta ameaça, Lélío pede ao seu valete Mascarilho que o ajude na conquista de sua amada. No entanto, estouvado, impulsivo e, principalmente, atrapalhado, ele estraga todos os dez planos preparados por seu criado. Ao longo da peça, ele se mostra irrefletido e bastante confuso sobre as estratégias que deveria recorrer para conquistar Célia. Suas características mais marcantes são, de fato, a impulsividade, a perplexidade, usadas como recursos humorísticos vividas pela personagem. O pseudônimo de Machado de Assis não está tão longe destas características. Sem se apresentar ao público, Lélío inaugura sua participação em “Balas de Estalo” com uma crônica sobre uma nova ciência médica – a dosimetria¹⁴ –, sobre a qual se mostra um pouco “confuso” e na qual compara a medicina e a ciência à religião, pois para ele era preciso “crer” para escolher entre as diversas propostas médicas, por vezes contraditórias, existentes naquele momento.

Ao falar da dosimetria, nova tendência na época, o narrador se mostra perplexo diante de tantas alternativas de cura. Depois da abertura de uma enfermaria dosimétrica na Sociedade Portuguesa de Beneficência, Lélío escreve uma crônica sugerindo que as enfermarias não deveriam ser apenas abertas, mas explicadas. O narrador, então, explana sobre o que é a dosimetria e afirma que, se ela é tão eficaz, deve ser aplicada a todos os doentes. Lélío satiriza a possibilidade de o doente medicar-se mal, pressuposto da dosimetria segundo ele. Ele reconhece, mesmo com ironia, o direito do paciente de escolher entre alopatia e homeopatia, porque

existência de uma personagem da Comédia Dell’Arte, cujo nome também era Lélío. Presente no teatro italiano escrito entre os séculos XVI e XVII, o aventureiro romanescos surgiu em 1620 em *Lélío bandito* de Andreini. Na França, Lélío foi ainda personagem de duas peças de Marivaux: *La surprise de l’amour*, de 1722 e *Lê Prince travesti*, de 1724. Para a autora, portanto, seria “[...] arriscado afirmar que Machado de Assis se inspirou somente em *L’Etourdi*, de Molière, embora conhecesse todas as suas peças, uma vez que o pseudônimo poderia ter sido escolhido por remeter-se à figuras tradicionalmente conhecidas pelas trapalhadas e pelo coração generoso.” (CALLIPO, 1998, p.45).

¹³ Em 1660, Lélío reaparecerá em *Sganarello*, de Molière, também como apaixonado por Célia, mas agora está prestes a se casar quando é confundido com um amante da esposa de Sganarello, o que promove novas confusões na vida da personagem.

¹⁴ A “dosimetria” de Borggraeve, sistema terapêutico lançado no século XIX e baseado na administração de medicamentos sob a forma de grânulos que continham os princípios ativos das substâncias medicinais, dados a tomar em intervalos certos, teve seus adeptos no Brasil (SANTOS FILHO, 1947, p.240).

esses são “dois sistemas”, “duas escolas”. A personagem retrata todo o ambiente de incertezas e descrenças na ciência médica do período. E é devido a essas incertezas que o narrador propõe: “crê ou morre” (ASSIS, 1998, p.31). A medicina, suas descobertas científicas e suas teorias de cura são como um “grito muçulmano”, ou seja, são um ato de fé. Lélío descreve essa ciência que está “tateando” respostas para as doenças existentes, mostrando como estão confusos os médicos, e como este estado de coisas causa ceticismo ou, no mínimo, a perplexidade, nas pessoas.

Assim, apesar de não fazer apresentações formais em sua primeira crônica, propondo, por exemplo, um “programa” para sua participação em “Balas”, Lélío já parece nos indicar algumas características desta nova personagem, pautada por sentimentos de perplexidade e confusão – ou mesmo dificuldade de compreensão dos fatos –, sentimentos presentes em muitas das crônicas escritas por ele para essa série, aproximando o pseudônimo de Machado aos personagens de Molière. Outros são os exemplos possíveis para esta comparação, como, por exemplo, o da crônica de 12/09/1883, na qual Lélío discute qual seria a melhor forma de governo para um país. Vejamos a crônica:

Anteontem, no senado, trocaram-se algumas palavras, incidentemente, sobre qual das formas de governo é mais barata ou mais cara, se a monarquia, se a república. Um assunto destes exige o voto de todos os cidadãos. Considero-me obrigado a vir dizer perante o meu país e o meu século que a mais barata de todas as formas de governo seria a que Proudhon preconizava, a saber, a anarquia. Pode-se gastar mais ou menos com o galo ou o peru que está no quintal, não se gasta nada com o cisne, que se não se possui. A anarquia não custaria dinheiro, não teria ministros, nem câmaras, nem funcionários públicos, nem soldados; não teria mesmo tabeliães; exatamente como no Paraíso, antes e logo depois do pecado. Sendo, porém, difícil ou impossível a decretação de um tal governo, não há remédio senão escolher entre os outros. Qual deles? A autocracia, a democracia, a democracia ou a teocracia? Vou dar uma solução. Os governos são como as rosas: brotam do pé. Os jardineiros podem crer que eles é que fazem brotar as rosas, mas a realidade é que elas desabotoam de dentro do arbusto, por uma série de causas de leis anteriores aos jardineiros e aos regadores. Portanto, e visto que não podemos fazer governos como Mlle. Natté faz rosas, aproveite a circunstância auspiciosa de não ser presidente do conselho para citar dois versos de Molière, que me parecem dar uma solução verdadeira do caso, e é cá do povo miúdo: *L'é véritable Amphytrion, C'est l'Amphytrion ou l'on dîne.* (ASSIS, 1998, p.64).

Nesta crônica podemos verificar alguns elementos que identificam as formas como Machado de Assis está usando Molière para caracterizar sua personagem. Lélío está, mais uma vez, confuso sobre as diversas formas de governo possíveis para um país e realiza na crônica um exercício para descobrir qual destas formas seria mais

barata. Motivado por uma discussão no senado, o narrador concluiu que a anarquia seria o governo mais conveniente, pois não implicaria em gastos com ministros, funcionários ou soldados. Ao perceber que esta seria uma solução “absurda” e que ninguém ousaria estabelecer tal forma de governo, Lélío, percebendo que não conseguiria solucionar a questão, e conclui que os governos são como rosas e independem de nossas vontades ou escolhas e que o melhor é sempre estar ao lado de quem “oferece o jantar” ou, de quem está com o poder. Machado de Assis certamente não está confuso no que se refere aos modelos de governo mais convenientes ao Brasil, mas cria em Lélío um questionamento que, levado ao leitor, parece fazê-lo refletir sobre a pequena participação do povo nas decisões políticas que o cercam. Através de uma ironia e de uma personagem cômica e até certo ponto “atrapalhada”, Machado revela uma crítica à forma como se dava o poder político em seu tempo: manda e escolhe quem está ao lado do poder.

Citar Molière também não parecia algo tão fortuito naquele momento, uma vez que a citação de Lafayette ainda estava viva na memória da cidade. A peça *L'Amphytrion* (1667) parece ter sido escolhida mais uma vez com o propósito de reforçar características de Lélío. Segundo Daniela M. Callipo (1998, p.28). *Amphytrion* é o marido de Alcêmene, jovem escolhida por Júpiter para ser mãe do seu filho. A fim de consumar sua determinação, Júpiter deve, porém, enganá-la: adquire a forma de Amphytrion enquanto este luta na guerra e seduz a fiel esposa do ausente. Ao retornar, Amphytrion encontra em sua casa um homem que lhe rouba a mulher, os empregados, a propriedade, os bens e até mesmo a aparência física, ou seja, sua identidade. Diante desta situação trágica, ele não mede esforços para se fazer reconhecer. O valete de Amphytrion é Sosie e é sua a fala citada por Lélío. Sosie vê-se envolvido em grande confusão: ele acaba por servir a dois senhores, ao mesmo tempo, pois o valete de Júpiter se apropria de sua imagem. A diferença entre Sosie e Amphytrion é que este se adapta mais facilmente à situação. Sosie reconhece não ser livre para decidir seu destino e, portanto, pouco lhe importa quem manda nele; sua identidade só será mantida enquanto puder garantir sua subsistência. Desse modo, aceita o senhor que oferecer mais vantagens.

A fala de Sosie ajuda a definir uma das características de Lélío, que diz claramente estar do lado de quem lhe serve o jantar. Essa atitude ainda aparece em outras crônicas do narrador de Machado, tais como a publicada em 4 de agosto de 1883, na qual a personagem cogita se candidatar a deputado e precisa escolher pelo partido Conservador ou Liberal, concluindo, então, que era o nome que dividia. Para elucidar a história, Lélío se lembra de uma anedota de 1840, na qual um sujeito ia a todos os casamentos sem ser convidado e, ao ser pressionado para dizer se era parente da noiva ou do noivo, respondia: “sou do lado da porta”. Porque, nessa altura, “já levava o jantar no bucho”(ASSIS, 1998, p.1884).

Outra crônica bastante significativa nessa estratégia de Machado de Assis, que cria uma personagem “atrapalhada” e “confusa” diante dos acontecimentos com o intuito de criar um questionamento dos fatos para o leitor, surge no dia 23 de agosto de 1884. A crônica discute um tema bastante presente na imprensa em 1884: a produção de vinhos falsificados e a necessidade da proibição de tal prática. A imprensa carioca e muitos integrantes da *Gazeta de Notícias* defendiam o fim dessa prática e cobravam do governo uma atitude em relação ao assunto¹⁵. E Lélío se posiciona também sobre esta questão:

Anda pelos jornais, e já subiu às mãos do Sr. Ministro dos negócios estrangeiros, uma representação do Clube ou Centro de Molhadistas contra os falsificadores de vinhos. [...] Segundo a representação, os progressos da química permitem obter as composições mais ilusórias, com dano da saúde pública. Ou eu me engano, ou isto quer dizer que se trata de impedir a divulgação de certa ordem de produtos, a pretexto de que eles fazem mal a gente. Não digo que façam bem; mas não vamos cair de um excesso em outro. [...] Se a luta pela vida é uma lei verdadeira e só um louco poderá negá-lo, como há de lutar um molhadista em terra de molhadistas? Sim, se este nosso Rio de Janeiro tivesse apenas uns vinte molhadistas, é claro que venderiam os mais puros vinhos do mundo – e por bom preço, - o que faria enriquecer depressa, pois não havendo mais baratos, iriam todos comprá-los a eles mesmos. Eles, porém, são numerosos [...] e têm grandes encargos sobre si; [...] e tudo isso lutando, não contra cem, mas contra milhares de rivais. Pergunto: o que é que lhes fica a um canto da gaveta? Não iremos ao ponto de exigir que eles abram um armazém só para o fim de perder. O mais que poderíamos querer é que não o abrissem; mas uma vez aberto, entram na pura fisiologia universal. [...] depois, façamos um pouco de filosofia Pangloss, penetremos nas intenções da Providência. Se com drogas químicas se pode chegar a uma aparência de vinho, não parece que este resultado é legítimo, lógico e natural? Acaso a natureza é uma escolha de crimes? E dado mesmo um tal vinho seja danoso à saúde pública, não pode acontecer que seja útil à virtude pública, levando os homens a abster-se? [...] Não entrará isso nos cálculos do céu? (ASSIS, 1998, p.121).

Lélío, então, acredita que uma vez que existem tantos fabricantes de vinho e a concorrência é muito acirrada, segue-se o princípio da luta pela vida e, por isso, parece justificável que se produza vinhos falsificados, mais baratos e sem os encargos

¹⁵ A questão dos vinhos artificiais é discutida, por exemplo, em artigos intitulados “Saúde Pública”, nos quais se questionam se não são preços elevados do vinho original, assim como os altos impostos que possibilitam a falsificação da bebida, tida como nociva à saúde pelas comissões de higiene pública. “Nesta cidade, nas intituladas fábricas de vinagre, fabrica-se uma droga que é vendida como vinho, e o que é mais, vendidas pelos retalhistas a preço pelo qual se poderia obter vinho de qualidade inferior, mas feito de uva, se não fossem tão elevados os direitos de entrada.” (*Gazeta de Notícias*, 14/02/1884) (Consulta ao Jornal, cujo microfilme se encontra no Arquivo Edgar Leuenroth – Unicamp).

comuns aos originais. Machado certamente está fazendo uma crítica ao governo e aos próprios fabricantes que permitiram – ou se omitiram - a respeito do aumento considerável no número de falsificações e que agora vinham reclamar os seus direitos de produtores, condenando o vinho artificial. O autor provavelmente concordava com o fato de que o vinho artificial fosse nocivo à saúde e que era preciso controlar a sua fabricação. Mas aqui, mais uma vez, através de uma explicação “absurda” e “atrapalhada” de Lélío – “Se com drogas químicas se pode chegar a uma aparência de vinho, não parece que este resultado é legítimo, lógico e natural? Acaso a natureza é uma escolha de crimes?” (ASSIS, 1998, p.122) – Machado vai criticar a conivência das autoridades que permitiram o aumento vertiginoso dos falsificadores e que agora vinham – através das comissões vacínico sanitárias – querer resolver o problema com decretos e repressões contra as fábricas dos vinhos artificiais.

É certo que, ao longo da leitura de “Balas de Estalo”, este pareceu um recurso muito usado por Machado de Assis. Muitas são as crônicas em que seu narrador é colocado de forma perplexa diante dos acontecimentos, tentando explicá-los de formas muito inusitadas, com o fim claro de colocar uma ironia sobre o assunto para o leitor, até que este percebesse o absurdo e “participasse” da discussão. Lélío se aproximava da personagem de Molière em *O Estouvado* porque esta também sentia grandes dificuldades em entender os artifícios que Mascarilho criava para a conquista de Célia e, ao tentar achar outras soluções, só criava mais problemas para seu valete.

No entanto, não são somente as semelhanças entre as características psicológicas de Lélío, o estouvado, e o pseudônimo de Machado que me fazem acreditar na referência que este autor está fazendo a Molière ao entrar para “Balas de Estalo”. Como já foi apontado neste texto, Machado de Assis utilizava-se de Molière desde as crônicas da década de 1860 para fazer críticas aos políticos e à retórica parlamentar. Já em 1860 a retórica vazia dos políticos incomodava Machado de Assis, conforme nos mostram as crônicas publicadas no *Diário do Rio de Janeiro* (GRANJA, 2000). Um exemplo disto é a crônica de Machado de Assis publicada em 12 de junho de 1864, que satirizava o Barão de São Lourenço por seu discurso na Câmara. Este político teria dito que “as musas teriam ficado assanhadas” e que possuía “estro”, mas que lhe faltava o “talento da rima” (ASSIS, 1938, v.21, p.11). Machado, a partir desta declaração, escreve uma crônica comparando o barão a uma personagem de Molière, o Sr. Jourdain, conhecida por sua falsa ilustração e pelo desejo de se parecer com a fidalguia. O mesmo Sr. Jourdain que, anos depois, Lulu Sênior irá comparar a Lafayette Rodrigues. Para Lúcia Granja (2000, p.83),

A identificação entre as duas personagens é feita de maneira direta na crônica. Tanto Sr. Jourdain, que não conhecia a diferença entre prosa e verso buscava expressar-se por uma terceira forma, o senador brasileiro tornava-se ridículo ao tentar gracejar em relação às suas habilidades literárias, dizendo que ele tinha

inspiração para escrever, mas não talento para a rima. [...] Esse mecanismo poderia está fundado no pacto com o leitor, que poderia reconhecer a referência da crônica, a comédia de Molière, e rir, assim, da atitude imprudente do Senador, que, como Sr. Jourdain, expunha-se ao ridículo público, no caso do político brasileiro.

Assim sendo, o uso de Molière na crítica à retórica vazia dos políticos não teria sido criada em “Balas de Estalo”, mas prática comum na obra cronística de Machado. No caso de Lafayette Rodrigues Pereira essa crítica se dá de diversas formas: primeiro, criando uma personagem para a série que carregasse em sua essência uma referência a Molière, indicando que a crítica e a sátira política seriam os grandes eixos de Machado em “Balas”. Em segundo lugar, a recorrência de crônicas que comentavam diretamente o discurso do ministro e, por outro lado, destacavam o vazio da retórica parlamentar de forma geral. Vejamos uma das primeiras crônicas escritas por Machado de Assis (1998, p.36) para “Balas”:

Há manuais e florilégio de oratória sagrada e profana; mas ainda ninguém se lembrou de compor um livrinho modesto, em que entrem, não largos pedaços ou discursos inteiros, mas pequenas expressões, locuções pitorescas, frases enérgicas e originais para o uso de oradores. É o que vou fazer. Começo por extrair do discurso do SR. F. de Oliveira, proferido ultimamente na câmara dos deputados, algumas daquelas frases que, por sua novidade e energia, nos parecem dignas de ser coligidas e aconselhadas aos doutos. [...] A oratória, como todas as coisas, exige seguramente disposição natural, mas também estudo. Por outro lado, a memória não é tão viva (salvo casos excepcionais) que possa trazer consigo todos os exemplos. Vá, pois, um pequeno extrato. [...] Sigo, porém, os exemplos na ordem em que o discurso do distinto deputado o manifestou. Eis aqui alguns:

“Entro tímido e vacilante”.

“... a palavra que arrebatava, a palavra que convence, a palavra que ilumina...”

“O país está cansado de mistificações”. [...]

“... inimigo acérrimo...”

“... mistificar o país...”

“... esbanjamento dos dinheiros públicos...”

“... superar as imensas dificuldades econômicas...”

“... o imortal Molière...”

“... os ditames da razão...”

Lélio ao evidenciar uma retórica parlamentar tão esvaziada de significados, chega a propor a elaboração de um pequeno livro de frases que “auxiliariam” os deputados nos seus momentos de grandiloquência na Câmara. Molière também não surge na crônica inocentemente. Seu nome lembrava aos leitores as ironias feitas sobre o discurso do Lafayette na Câmara, evidenciando o desconforto que essa

citação causou na imprensa de uma forma geral. Assim, Machado de Assis, em uma de suas primeiras crônicas para a série “Balas de Estalo”, fez questão de ressaltar que a “piada” sobre o chefe dos ministros ainda estava na pauta do dia. Assunto que não se esgotou e que surgiu, mais de um ano depois, na crônica de Lélío do dia 29 de outubro de 1884:

Já tínhamos Lafayette, ministro de Estado e presidente do conselho, citando Molière na câmara. Não é tudo. Para citá-lo bastam florilégios e o incomensurável Larousse, mas o nosso ex-ministro leva o desprazer ao ponto de ler e reler. Felizmente a indignação parlamentar e pública lavou a câmara e o país de tão grave mancha, e podemos esperar com tranqüilidade o juízo da história.

Nesta crônica, Lélío deixa bastante clara sua opinião sobre o famigerado discurso de Lafayette na câmara: que era um discurso oriundo de uma ilustração superficial, tal como a de Sr. Jourdain, pois poderia ser encontrada na Larousse, assim como enxergava a postura do então ex-ministro como uma espécie de “mácula”, uma vez que a indignação parlamentar e pública havia lavado a câmara e o país de “tão grave mancha” (ASSIS, 1998, p.160) – certamente se referindo ao fim do gabinete chefiado por Lafayette. Citar Molière na câmara parecia uma espécie de “blasfêmia” ou mesmo desperdício intelectual na opinião do narrador.

Nas crônicas citadas aqui fica claro que Lélío, assim como os outros cronistas da série, estava incomodado com a citação literária em meio aos políticos do parlamento. Machado entra em “Balas de Estalo” claramente com o intuito de interagir com o resto do grupo e com os temas escolhidos pelos outros cronistas como definidores de um caráter geral da série. Ele quer completar o grupo e cria uma personagem que correspondesse à lógica temática que vinha se construindo na série ao longo dos três primeiros meses de publicação. Machado ingressa justamente em um momento de grande agitação política, momento no qual o ministério de Lafayette estava tentando se firmar e se justificar como poder, apesar dos freqüentes ataques dos conservadores e dos liberais dissidentes na câmara. Lélío é criado em meio a discursos inflamados no Parlamento contra o novo gabinete e contra a permanência dos liberais no poder. Molière, velho parceiro de Machado nas crônicas, ajuda o cronista a definir melhor as características dessa nova personagem, além de ser, possivelmente, referência clara e direta para os leitores aos acontecimentos mais recentes da política nacional. A citação literária surge não só como “força argumentativa e de representação” (GRANJA, 2000, p.76), nem mesmo somente como “recriação” crítica (CALLIPO, 1998, p.244)¹⁶. No caso de Lélío, ela surge também com definição de um personagem-

¹⁶ Para Callipo (1998, p.244), Machado de Assis possuía uma visão bastante crítica da França e de seus escritores e soube colocá-los à mercê de seu discurso, recriando as citações, dispondo-as conforme sua vontade, apropriando-se delas, ilustrando a história de seu país por meio de textos estrangeiros e propondo

narrador, que caracteriza não só a participação de Machado na série, como nos ajuda a montar o “mosaico” de significados criados por “Balas de Estalo”. É a citação, neste caso, que parece remeter o leitor ao programa temático que será perseguido pelo narrador criado por Machado, é ela quem parece indicar ao leitor que a vida política, suas contradições e suas “incompreensões” serão alguns dos assuntos perseguidos por Lélío.

Lélío e a política imperial

Muitos foram os temas que passaram pelas 125 crônicas de Machado em “Balas de Estalo”, mas certamente nenhum tão constante quanto o cotidiano da política imperial. Lélío comentou desde a prática das medicinas alopática e homeopática, o espiritismo, o teatro lírico, a imigração e até as polêmicas literárias. Mas dentro do espírito da coluna “Balas de Estalo”, comentou, sobretudo, a vida parlamentar brasileira. Leitor assíduo dos discursos da Câmara dos Deputados e do Senado, Lélío acompanhou de perto as principais discussões políticas ocorridas entre julho de 1883 e março de 1886. Estiveram entre os seus temas questões como a crise do ministério de Lafayette Pereira, a subida de Dantas e o fracasso de seu projeto inicial sobre a libertação dos escravos sexagenários¹⁷. Comentou a chegada de Saraiva ao poder, a reforma do projeto de lei e, finalmente, o retorno dos Conservadores com o Barão de Cotegipe e a conseqüente aprovação da Lei dos Sexagenários.

Saraiva e as eleições foram temas recorrentes nas crônicas de Lélío. Sob o impacto da dissolução da primeira Câmara de Deputados eleita pela Lei de 9 de janeiro de 1881¹⁸, lei que instituía pela primeira vez no Brasil a eleição direta, Lélío, com seu olhar irônico e perplexo, fez desta uma discussão recorrente nas páginas de “Balas”. Tanto a dissolução daquela que era considerada filha das “eleições mais limpas do império”¹⁹, como o processo eleitoral que se instaura alguns meses depois,

uma literatura nacional que aceitasse o elemento externo de maneira consciente, estabelecendo com ele trocas e empréstimos, deturpando-o numerosas vezes, com a intenção clara de aproveitar somente o que lhe interessava.

¹⁷ Ver, por exemplo, crônicas de 20 de abril de 1884, 30 de julho de 1884 e 05 de maio de 1885.

¹⁸ A Câmara dos Deputados teve sua dissolução solicitada por Manoel de Sousa Dantas em meio a uma crise ministerial decorrente da apresentação do projeto de libertação dos escravos sexagenários. Após a apresentação do projeto, Moreira de Barros demite-se do cargo de presidente da Câmara, iniciando uma série crise ministerial. Em 30 de julho de 1883, D. Pedro II autorizou a dissolução assim que fosse votado o orçamento do ano seguinte. A dissolução efetiva ocorreu em 03 de setembro de 1883 e novas eleições foram marcadas para 01 de dezembro do mesmo ano. (CONRAD, 1978).

¹⁹ Após a aprovação da lei, em 09 de janeiro de 1881, Saraiva e seu ministério foram incumbidos de convocar as eleições diretas, e o governo logo apressou-se em manifestar que não tinha candidatos e que manteria a imparcialidade no pleito. Foram 150.000 eleitores convocados, dos quais 64% compareceram

fazem com que o narrador reflita sobre os reais efeitos da reforma de 1881, bem como o longo processo de erros e acertos das eleições no Brasil. Em 30 de agosto de 1883, Lélío compara as eleições no Brasil com uma velha canção popular francesa, cuja idéia era de que a história era uma espécie de ciranda que sempre se repetia:

Há não sei que versinho francês com este estribilho:

Si cette histoire vous embête,

*Nous allons la recommencer*²⁰.

Em matéria eleitoral temos vivido a repetir este estribilho. No regime da eleição indireta²¹, tivemos a eleição de província, a eleição do círculo de um, a eleição do círculo de três depois, e, continuando os inconvenientes, veio a eleição das maiorias. Esta última, espécie de luz elétrica, mas estava em ensaios no interior, já aplicávamos às nossas cidades todas. E nada; - nem um, nem três, nem província, nem minoria, nada estabelecia uma boa eleição. Veio então a eleição direta, com o círculo de um²². Começou há pouco; mas já ontem foi apresentado um projeto para voltar ao círculo de três. Daqui há

às urnas. Segundo Sérgio Buarque de Holanda (2005, p.284-285), logo se tornou uma voz geral que aquelas “foram as eleições mais limpas da história do Império”.

²⁰ Estes são versos de uma canção popular francesa intitulada “*Il était un petit navire*”, citados por Machado de Assis em outras crônicas, tais como na “Bala de Estalo” do dia 05/01/1885 e novamente em “A Semana” em 19/06/1892 (CALLIPO, 1998, p.23).

²¹ Assim como estipulava o artigo 90 da Constituição Imperial de 1824, as eleições no Brasil eram indiretas, ou seja, divididas entre votantes e eleitores. Somente com a Lei Saraiva de 1881, que reformou o sistema eleitoral brasileiro, as eleições passaram a ser diretas (SOARES DE SOUZA, 1979).

²² A primeira lei eleitoral do Império, de 26 de março de 1824, estabelecia o número de deputados que seriam eleitos por província. Em São Paulo, por exemplo, que elegia nove deputados gerais, cabia ao eleitor, preencher a cédula eleitoral com o mesmo número de candidatos que representariam a sua província, vencendo os que atingissem a maioria. Em seguida, foi criada a lei eleitoral de 19 de agosto de 1846, que condensava as instruções para eleições provinciais e municipais e estabelecia, pela primeira vez, uma data para eleições simultâneas em todo o Império. Em 19 de setembro de 1855, vai surgir, então a chamada “Lei dos círculos”, que não revogava a de 1846, mas alterava-a, determinando que as províncias do Império seriam divididas em tantos distritos eleitorais quantos fossem os seus deputados à Assembléia Geral. Cada distrito, que era formado por várias freguesias, elegeria um deputado, daí a expressão “círculo de um”. Sendo criticada por valorizar os localismos eleitorais, e suscitando diversas discussões no Parlamento e entre os partidos políticos, a lei de 1855 foi novamente modificada com o decreto de 18 de agosto de 1860, que estipulava que cada distrito, ou círculo eleitoral das províncias, elegeria três e não mais um deputado cada. São Paulo, por exemplo, cuja representação era de nove deputados, seria dividido não mais em nove distritos, mas agora em três. Em 1875, no entanto, é criada uma nova lei, que pela primeira vez criava o título de eleitor, e que foi chamada de “Lei do Terço”. Nela, determinava-se que cada eleitor somente podia votar em um número de nomes que fossem correspondentes a dois terços dos candidatos a eleger, garantindo assim que o partido vitorioso preenchesse somente dois terços dos cargos eletivos, sendo o resto, isto é, o terço que faltasse, pela minoria, ou seja, pelo que tivesse obtido menos votos. Somente em 1881, com a “Lei Saraiva”, uma antiga reivindicação do programa liberal foi atendida. Com ela, estabeleciam-se as eleições diretas pela primeira vez, regulamentavam-se as incompatibilidades, impunham-se penalidades rigorosas contra as fraudes eleitorais e expandia-se o voto aos naturalizados, aos não católicos e aos libertos. Passavam a tomar parte nas eleições todos os cidadãos brasileiros, com renda anual de pelo menos 200 mil réis, excluindo-se analfabetos. Retornava-se também às eleições distritais, com as províncias sendo

anos, a experiência volta para a província. Depois círculo de um outra vez, e de três. Há de haver mesmo alguém que se lembre dos círculos de cinco, ou cinco e três quartos. Tudo, pois, diz com esse bom sistema representativo, pelo mesmo método do médico que, para remover uma encefalite, mandasse o enfermo ao cabeleireiro. Mas, enfim, venha o círculo de três: *Si cette histoire vous embête, Nous allons la recommencer.* (ASSIS, 1998, p.58).

Uma canção muito popular, cujos versos originais eram “*si cette histoire vous amuse, Nous allons la recommencer*”, é citada por Lélío, que troca “*amuse*” (entreter) por “*êmbetê*” (chatear, importunar), numa clara referência de que o assunto monótono, tanto para ele quanto para o leitor, marcava a repetição da história, do tempo cíclico, da não mudança dos acontecimentos da política, e mesmo do sistema eleitoral viciado e corrompido. Um tom que vai permanecer em algumas de suas balas. Não somente nesta como em muitas outras crônicas, o narrador de Machado ironiza a história do sistema eleitoral brasileiro, as fraudes nas eleições, a violência envolvida nesses momentos, além de comentar as tênues fronteiras entre candidatos liberais e conservadores.

Lélío está tão perplexo diante da situação política, que chega ele mesmo a criar um novo sistema eleitoral. Em uma crônica que inicia pedindo ao leitor que “verifique se falta alguma coisa nas algibeiras”, uma vez que nos “tempos eleitorais não se anda seguro” (ASSIS, 1998, p.199), Lélío propõe como alternativa que “no princípio desse e de todos os séculos vindouros, até o ano 5000” fosse organizada uma “tabela de alternância dos partidos” (ASSIS, 1998, p.199) para todo o século. Seu projeto também determinava que o prazo do governo de cada partido seria “[...] de um decênio, se eles tivessem o sentimento da coletividade, e de um quadriênio, ou até de um biênio, se dominasse o sentimento não menos respeitável das satisfações pessoais e dos prazeres de família.” (ASSIS, 1998, p.199). Também segundo sua reforma, a eleição seria feita na secretaria do império, ficando incumbida desse trabalho especial uma seção também especial, composta de três amanuenses. E Lélío conclui:

[...] o processo é simples. Cada partido depositará na secretaria, 6 meses antes, uma lista dos seus candidatos que serão o triplo do número de deputados que lhe houver de caber. Essas listas, autênticas e lacradas, serão abertas no dia da eleição e escritos os nomes em papelinhos, metidos em uma urna e sorteados depois. (ASSIS, 1998, p.200).

divididas em tantos distritos eleitorais quantos fossem os seus deputados à Assembléia Geral Legislativa, restabelecendo assim os distritos de um só deputado (SOARES DE SOUZA, 1979).

Esse é o tom que Machado, através de Lélío, dá a várias de suas crônicas em “Balas de Estalo”, Lélío é um narrador que em vários momentos deseja entrar para política, como deputado ou ministro, que cria projetos inusitados para solucionar falhas na organização política do país, que se vê visitado, durante um cochilo, pelo fantasma da Câmara dos Deputados, quando esta está para ser dissolvida. Ele é um narrador de “Balas de Estalo” que observa que o cotidiano do Parlamento, não só em suas decisões, decretos e leis, mas em sua composição, na ausência dos deputados em dias de sessão, na retórica vazia, nas oscilações partidárias. Um narrador que parece descrente nas práticas políticas representativas do império e que tenta, junto com o leitor, entender no que se transformou o sistema político no Brasil em finais do século XIX. O exercício que realiza em suas crônicas é, ao que tudo indica, o de dar significado aos grandes acontecimentos como leis aprovadas, reformas feitas ou engavetadas, troca de ministérios a partir de atos do cotidiano do Parlamento e dos que estão diretamente envolvidos nessas decisões. A cada discurso feito na Câmara, a cada circular eleitoral, a cada sábado que deveria haver sessão e não há, a cada verba pública mal usada, Lélío constrói para o leitor aquilo que seria o substrato da política brasileira. Irônico como sempre, Lélío diz que “os bons costumes são como as roseiras” que plantou no seu jardim: pegam, conclusão a que chega quando comenta o “costume excelente e antigo” das câmaras de alterar “cartas e outros documentos” que, “por demasiado longos”, eram modificados ao publicarem-se oficialmente nos jornais (ASSIS, 1998, p.225). Ou seja, a política parecia estar repleta de antigos e duvidosos hábitos.

Em uma das crônicas mais significativas da colaboração de Machado em “Balas”, publicada em 8 de julho de 1885, Lélío perguntava finalmente o que seria a política. E, pegando “de tudo o que sabia nesta matéria (e não valia dois caracóis)”, ele diz ter escrito uma carta aos seus concidadãos, pedindo-lhes que dissessem “francamente o que consideravam que fosse política” (ASSIS, 1998, p.279). O resultado de tal pesquisa, segundo Lélío, concluía que a política era “simplesmente tirar o chapéu às pessoas mais velhas”, ou ainda que a “política era a obrigação de não meter o dedo no nariz”, ou “estando à mesa, não enxugar os beiços no guardanapo da vizinha, nem na ponta da toalha” (ASSIS, 1998, p.280). Seria então a política um mero jogo de cortesia? Ainda na mesma crônica, Lélío diz que um morador da Tijuca afirmava ser a política “agradecer com um sorriso animador ao amigo que nos paga a passagem” ou ainda que, segundo o barbeiro, era a “arte de lhe pagarem as barbas” (ASSIS, 1998, p.280). Seria então a política um jogo de interesses individuais? O que instiga Lélío, no entanto, é a completa ausência de manifestação por parte dos políticos e o narrador conclui:

Note-se que, em todo esse montão de cartas, não há uma só de deputado ou senador, e, contudo escrevi a todos eles pedindo uma definição. Minto, o Sr. Zama deu-me anteontem uma resposta, embora indiretamente. S. Ex. disse

na câmara que quer ver a abolição imediata, mas aceitou o projeto passado e aceita este, pela regra de Terêncio: quando não se pode obter o que se quer, é necessário que se queira aquilo que se pode. [...] É oportunismo, confesso; mas prefiro o aparte de um deputado, no discurso do Sr. Rodrigues Alves, quando este taxava um presidente de interventor, não porque recomendasse candidatos, mas porque fez favores a amigos destes. Queria que os fizesse aos amigos de V. Ex.? perguntou um colega. Tal qual a política do boticário: não comprar na botica da esquina. (ASSIS, 1998, p.280).

Oportunismo, a arte do possível, jogo ficcional entre os partidos, localismos e disputas individuais? O que seria a política para mais esse narrador de “Balas de Estalo”? Ao longo de 125 textos, a cada comentário, a cada nova reviravolta política na conturbada década de 1880, Lélío tenta, junto com o leitor, dar significados a essas práticas. Machado parece guiar-se, em parte, pela própria dimensão que essa série cronística ganha dentro da *Gazeta de Notícias*. “Balas de Estalo” tornou-se, pelo viés do humor, da pilhéria, da leveza dos textos de seus narradores, um grande “observatório” da política nacional.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Machado de Assis’ Balas de Estalo: humour and politic in Imperial Brazil. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.2, p.149-168, July/Dec. 2008.

- **ABSTRACT:** *This article examines Machado de Assis’ participation, under the pseudonym Lélío, in the collective series Balas de Estalo, published between 1883 and 1886 in the periodical Gazeta de Notícias. In the middle of urban change context, of immigration, abolitionism, “Balas de Estalo” helped the creation of a political project based on the decline of the country’s main institutions, such as monarchy, Catholic Church and slavery. The subject of this research is to understand how Machado de Assis took part in this collective series, how he created his character Lélío and, finally, which was his view of the imperial politics in the late 19th century.*
- **KEYWORDS:** *Empire. Brazilian press. Writers. Brazilian history. Imperial politics.*

Referências

ASSIS, M. de. **Obra completa**. Organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v.3.

_____. **Balas de Estalo de Machado de Assis.** Organizada por Heloísa Helena Paiva De Luca. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. **Crônicas de Lélío.** Organizado por Magalhães Junior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

_____. **Obras completas.** Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

_____. **A semana:** crônicas, 1892-1893. Organizado por John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

BARBOSA, M. **Os donos do Rio: imprensa, poder e público.** Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

CALLIPO, D. M. **As recriações de Lélío:** a presença francesa nas crônicas machadianas: *Gazeta de Notícias: Balas de Estalo: julho de 1883 a março de 1886.* 1998. 256f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CONRAD, R. **Os últimos anos da escravatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRANJA, L. **Machado de Assis:** escritor em formação: à roda dos jornais. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

HOLANDA, S. B. de. **O Brasil monárquico:** do império à república. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. v.7. (História geral da civilização brasileira, 2).

MENDONÇA, J. M. N. **Entre a mão e os anéis:** a Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição. Campinas: Ed. Unicamp: Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999. (Coleção Várias histórias).

MINÉ, E. A. Mariano Pinna, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração*: história de bastidores contadas por seu espólio. **Revista da Biblioteca Nacional**, Lisboa, v.7, n.2, p.23-61, 1992.

PEREIRA, L. A. de M. **O carnaval das letras:** literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2.ed. rev. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2004.

SANTOS FILHO, L. de C. **História da medicina no Brasil:** do século XVI ao século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1947. 2v. (Grandes estudos brasilienses, v.3).

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador:** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SOUSA, J. G. de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: INL, 1955.

SOARES DE SOUZA, F. B. **O sistema eleitoral no império**. Brasília: Senado Federal: Universidade de Brasília, 1979.

Bibliografia consultada

ASSIS, M. de. **Bons dias!**: crônicas:1888-1889. Edição, introdução e notas de John Gledson. Campinas: Ed. UNICAMP; São Paulo: Hucitec, 1990. (Literatura brasileira, 1).